

O NOME DE NUNO JÚDICE é bem conhecido da cultura italiana, quer como escritor, quer como ensaísta, quer como professor universitário. Vários dos seus livros de poesia foram traduzidos para italiano por Chiara De Luca e ele mesmo organizou uma antologia de poetas portugueses, traduzida por Adelina Aletti, que foi prefaciada por Luciana Stegagno Picchio. Os departamentos de português das universidades italianas contam regularmente com a sua presença, como conferencista ou como participante em *workshops*.

Aliás, reentram nesta sintonia as suas próprias origens de família, que afundam remotas raízes nos Giudice. O *casato* dos Giudice encontra-se documentado desde a Baixa Idade Média. Em inícios do século XVIII um dos seus membros trocou a Itália por Portugal, para escapar a problemas políticos, daí tendo decorrido o ramo português da família. É este o pano de fundo da ficção romanesca de Nuno Júdice *A conspiração de Cellamare*, ambientada no grandioso palácio napolitano que pertenceu à família, o Palácio de Cellamare.

O poema *A noite toscana*, que de seguida será apresentado em tradução italiana, *La notte toscana*, faz parte do seu mais recente livro de poesia, *O coro da desordem* (Alfragide, Dom Quixote, 2019, p. 73), representando bem esta ligação de Nuno Júdice a Itália. Foi escrito durante uma sua estadia em Camaione, depois de uma tempestuosa noite de vento sobre o Mar Tirreno.

É particularíssimo o efeito causado pelo poema. A poesia lusitana, de Camões a Pessoa, mostra-se uma poesia oceânica, atlântica. Uma poesia em que as tempestades são ímanes e os naufrágios grandiosos. Sentir as impressões de Nuno Júdice numa noite passada no *lido* de Camaione, uma noite desabrida, e encontrar aquela fascinante fúria de mar e de vento, num apocalipse do qual há que salvaguardar dois amantes, como os nossos progenitores num Éden em desconcerto, é singular e fascinante, ao mesmo tempo que coloca questões instigantes. A costa toscana – tradicionalmente tranquila, elegante, mesmo mundana – torna-se num círculo do inferno em que os ventos se libertam e o mal tudo invade. O Tirreno, para o poeta, será mais ameaçador do que o Oceano? Uma noite toscana será mais terrível do que uma tempestade no Cabo da Roca? Talvez o seja. Ou talvez cada lugar marítimo seja emblema da possibilidade de irrupção do mal. A necessidade de um espaço íntimo, do vinho quente e de aconchego (pense-se em Horácio) faz-se sentir em toda a parte. Isso, e não só, faz de um poeta português um *cidadão do planeta*.

A noite toscana

Nesta noite em que sopram todos os ventos
e o mar se lança contra a praia, nesta noite
em que ouço as vozes dos antigos erguerem-se
das ondas e em que os seus braços lutam
para que regressem à vida, falo com a voz
do temporal e peço-lhe que o seu grito
não atravessasse esta noite, não aflija
o sono dos amantes, não transforme
em pesadelo a insónia dos que o ouvem.

Mas o vento faz dançar as árvores de onde
os pássaros fugiram, irrompe no mais fundo
dos arbustos onde tantos abraços se acolheram,
corre nos relvados desertos expulsando
as sombras e varrendo de pétalas os canteiros,
levanta nos lagos a água fria, e bate contra
as janelas das casas em que todas as luzes
se apagaram, com receio da sua visita.

E sento-me à mesa destes ventos,
sirvo-lhes o vinho quente do inverno, ouço
nos seus uivos um gemido saudoso de passadas
primaveras, e acaricio o seu dorso, como se
fossem os cães amargos do inferno, para que
amanssem e se limitem a rosnar, baixinho,
a esta noite que os obrigou a soprar, pelas suas
bocas, todos os males que a noite arrasta.

La notte toscana

Questa notte in cui soffian tutti i venti
e il mar si lancia contro il lido, questa notte
ove sento le voci degli antichi alzarsi
dalle onde e ove i loro bracci lottano
perché tornino alla vita, parlo con la voce
del temporale e chiedo che il loro grido
non traversi questa notte, non affligga
il sono degli amanti, non trasformi
in incubo l'insonnia di chi sente.

Ma il vento fa danzare gli alberi da dove
i passerì fuggirono, irrompe nel più fondo
degli arbusti dove tanti abbracci si accolsero,
corre negli erbaggi deserti cacciando
le ombre e spazzando i petali alle aiuole,
nei laghi eleva l'acqua fredda, e batte contro
le finestre delle case in cui tutte le luci
si spensero, con timore della sua visita.

E mi siedo al tavolo dei venti,
gli servo il vino caldo dell'inverno, sento
negli ululati loro un saudoso ahimè di passate
primavere, e carezzo il loro dorso, come se
fossero i cani amari dell'inferno, perché
s'ammansino e s'astentino a ringhiare, basso,
a questa notte che li obblighò a soffiare, dalle loro
bocche, tutti i mali che la notte trascina.

RITA MARNOTO
ROBERTO GIGLIUCCI